

INNOVA CONSERVA NA NOVA LIDERA

A primeira parte desta entrevista foi realizada em 16 de maio de 1986, para a edição de maio/junho da *New Left Review*; a segunda parte é um extrato resumido da entrevista publicada pelo jornal londrino *Labour Pnews on Eastern Europe*. Os entrevistadores foram Michele Lee e Oliver MacDonald.

1. O desastre de Chernobyl

Creio que podemos começar discutindo o desastre de Chernobyl, que foi o centro das atenções nos últimos tempos. Tanto a nível dos governos quanto da imprensa ocidental está implícita a idéia de que tudo seria diferente na usina de Chernobyl. Ou, mais especificamente, existem acusações de que o tipo de reator de Chernobyl não é tão seguro quanto o utilizado no Ocidente, que sua concepção é primitiva e imperfeita, e que talvez o planejamento ou o acabamento no processo de construção tenha sido deficiente. Tais acusações são válidas?

Penso que a concepção pode ter sido um fator a mais, mas não porque fosse primitiva ou imperfeita do ponto de vista operacional. O projeto é bastante sofisticado, mas envolve uma quantidade muito grande de controles individuais, muito mais do que é necessário nos reatores de água pressurizada (PWR)¹, produzidos tanto na União Soviética quanto nas indústrias nucleares do Ocidente. O reator de Chernobyl entrou em funcionamento em 1983. Ele utiliza bastões de grafite e água. Sistemas semelhantes também operam na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos mas têm maior utilidade no campo militar, por produzirem plutônio de alta pureza, necessário na fabricação de bombas atômicas. Quando os norte-americanos come-

çaram seu programa civil de usinas nucleares, eles projetaram um tipo inteiramente novo de reator de água pressurizada para este propósito. O governo soviético, porém, decidiu adaptar os objetivos militares aos civis.

A principal diferença no projeto está no fato de que o sistema PWR possui todos os elementos combustíveis ligados a um único bloco, que pode ser levantado e abaixado por um único mecanismo de controle. O bloco é comparativamente pequeno, com alta concentração de urânio. Quando o combustível é consumido, todo o bloco é colocado num *container* de concreto e depositado em local adequado. Já o reator moderado por grafite tem bastões individuais de combustível, controlados um por um dentro de tubos pressurizados, envoltos por bastões de grafite. Tal sistema é muito conveniente quando se prevê o reprocessamento dos bastões de combustível gastos para extração de plutônio, pois é possível remover cada um individualmente e transferi-lo para o sistema de reprocessamento químico. Reatores militares deste tipo são pequenos mas sua adoção com objetivos civis exige um aumento significativo do número de bastões, tanto que o reator de Chernobyl tem 1.600 tubos individuais, cada qual com seu próprio controle de temperatura, pressão e assim por diante. Isto envolve um contro-

¹ PWR — Pressurized Water Reactor.

CÃO & IDORISMO

ANÇA SOVIÉTICA

Zhores Medvedev

Tradução de Ligia Kosin

le humano muito amplo e específico sobre o processo e, portanto, com maior margem de erro humano. Ainda assim, no caso de um acidente sério no consumo do urânio, o sistema PWR corre, em princípio, um risco maior de fusão que os reatores moderados por grafite.

Os reatores PWR são bem menores — cerca de dois a três metros de comprimento, comparados com os 11 a 17 metros do tipo de reator de Chernobyl. No entanto, nos PWR, o calor proveniente do elemento combustível é mais intenso, constituindo um fator crucial no que diz respeito ao perigo de fusão e da chamada "síndrome da China"². No caso de Chernobyl, porém, a vantagem da melhor difusividade e da presença de mais de mil toneladas de grafite foi eliminada devido ao incêndio deste material.

Por que o senhor acha que os soviéticos decidiram persistir com este tipo de reator e implantá-lo tão perto de grandes cidades?

Uma parte das causas foi um certo tipo de patriotismo científico. Os reatores PWR que a União Soviética produz e exporta para a Europa Oriental foram desenvolvidos a partir de modelos norte-americanos, enquanto que os reatores moderados por grafite foram inventados basicamente pelos cientistas soviéticos. Mas

também houve conservadorismo científico e institucional — muitos dos cientistas que desenvolveram o projeto ocupam hoje cargos importantes. Além disso, existe toda uma rede de pesquisa, construção e burocracia administrativa utilizada para a permanência deste sistema.

A decisão de implantar reatores próximo a grandes cidades, como Leningrado, Sverdlovsk e Kiev, foi tomada principalmente devido a fatores econômicos. A diferença de preço entre a geração de eletricidade nuclear e não-nuclear na União Soviética é mínima — segundo economistas russos, a energia nuclear é apenas alguns copeques³ mais barata por kilowatt. No entanto, esta pequena vantagem depende da proximidade da usina aos grandes centros, de modo a encurtar as linhas de transmissão. A usina de Chernobyl, na verdade, situa-se um pouco longe de uma grande concentração urbana. Os reatores de Leningrado, por exemplo, estão bem mais perto da cidade, bem como a usina de Veronezh. Existe um reator deste tipo a apenas quarenta quilômetros de Sverdlovsk, que tem mais de 1 milhão de habitantes e, do mesmo modo, os reatores de Kursk e Kostroma, atualmente em construção, estão localizados a apenas 2 quilômetros dos limites urbanos. O outro fator por trás da decisão da localização das usinas é a visão, por parte de cientistas como

² "Síndrome da China" é o nome dado à fusão do reator com desenvolvimento de temperaturas altíssimas, quando existe risco de fusão do substrato de rocha e afundamento do reator, teoricamente até o centro da Terra. Se neste curso o reator encontra um lençol de água subterrânea, haveria uma explosão nuclear de conseqüências inimagináveis.

³ Centavos do rublo, a moeda soviética.

o presidente da Academia de Ciências, Alexandrov, de que as usinas nucleares soviéticas, diferentemente dos reatores ocidentais, são 100% seguras. Uma opinião que pode até ter sentido, considerando-se que jamais ocorrera numa usina soviética um grande acidente envolvendo o ciclo de combustível do reator, enquanto que no Ocidente aconteceram centenas de desastres deste tipo. É claro, porém, que devem ter acontecido diversos acidentes pequenos que não foram divulgados. Talvez até mesmo desastres mais sérios, conhecidos apenas pelos altos escalões de cientistas e autoridades, sem contar o acidente de vazamento nuclear nos Urais. Arbatov, ao escrever na *Izvestya*⁴, procurou salientar que o desastre de Chernobyl havia sido o primeiro acidente nuclear sério na União Soviética, num total de 153 já divulgados pelo mundo todo. No entanto, é preciso destacar que este não foi apenas mais um na lista, mas o pior já ocorrido até hoje.

Voltando ao que aconteceu em Chernobyl, o senhor seria capaz de conjecturar sobre o que poderia ter realmente ocorrido e como o acidente teria evoluído?

Neste estágio nós só podemos adivinhar o que teria acontecido. Não sabemos se o problema começou devido a uma falha técnica ou se foi consequência de erro humano ou ainda de ambos. Pode ter havido falha técnica num dos tubos. Eles são produzidos aos milhares em Leningrado e pode ter acontecido que, apesar do controle de qualidade, um deles estivesse com defeito. Uma falha no sistema sensor, aparentemente importado do Ocidente, também poderia ter sido a responsável. Mas o acidente me recorda um outro, que ocorreu num reator semelhante em Idaho, nos Estados Unidos, em 1961. Lá, o reator havia sido paralisado para manutenção e o problema aconteceu quando o operador não introduziu a barra moderadora com rapidez suficiente e o reator tornou-se muito quente. Três pessoas morreram e a usina ficou altamente contaminada.

O acidente de Chernobyl começou nas primeiras horas da madrugada de sábado, quando o número de funcionários em turno era provavelmente mínimo. O reator devia estar paralisado para checagem quando aconteceu a falha operacional. Os poucos funcionários presentes,

apesar de bem sucedidos em limitar os incidentes iniciais, podem ter contribuído para o desastre que se seguiu. Isto porque, com um sistema tão complexo, envolvendo controles individuais para cada um dos 1.600 subsistemas pressurizados, um número mínimo de funcionários provavelmente não foi capaz de analisar e lidar efetivamente com o problema. Com o reator paralisado e liberando apenas 6% de sua capacidade elétrica e 20% de sua capacidade de calor e com o sistema de resfriamento funcionando normalmente, os empregados em serviço devem ter achado que não haveria riscos mais sérios. O que quer que tenha acontecido então, uma ruptura ou qualquer outra coisa, resultou no contato da água com o grafite, produzindo hidrogênio. Este hidrogênio, então, destruiu o teto e danificou o sistema, possivelmente o de resfriamento. Houve uma explosão e, conseqüentemente, o incêndio.

Aparentemente, as equipes de combate ao fogo agiram imediatamente, mas ninguém, dentro da usina, sabia exatamente o que havia acontecido. Os bombeiros agiram como se houvesse um incêndio na cobertura, e não um fogo de grafite que não pode ser combatido com água. Assim, o prédio foi destruído, provavelmente no momento em que o pessoal da administração chegou ao local. Aí então é que deveriam ter sido chamadas as equipes de emergência de Moscou e Kiev, mas como era madrugada de sábado a maioria dos especialistas nucleares estava descansando, provavelmente em suas *dachas*, e não foi chamada. Os chefes administrativos da usina poderiam também ter contactado Shcherbitsky⁵ ou Gorbachev ou Ryzhkov⁶, mas nenhum deles saberia o que fazer — eles não são especialistas. Finalmente, quando as autoridades técnicas de Moscou foram avisadas, talvez não tenham sido capazes de analisar a situação de modo acurado e, assim, tiveram dificuldades em dar instruções corretas.

A zona nuclear especial

Quais seriam os canais de informação e comando que deveriam ter entrado em ação, uma vez começado o acidente?

Num raio de 2 a 3 quilômetros da usina nuclear, existe uma zona especial, sob a jurisdição de todos os departamen-

4 *Izvestya* — jornal do Partido Comunista da União Soviética.

5 Vladimir Shcherbitsky, líder do Partido Comunista da Ucrânia.

6 Nicolai Ryzhkov, primeiro-ministro.

tos da União que lidam com os sistemas de energia nuclear. As informações sobre o que acontece nesta zona são secretas — o pessoal tem hospitais especiais, a equipe de combate ao fogo é especializada, os funcionários têm privilégios especiais, o serviço médico tem conhecimento específico sobre males de radiação e assim por diante. A zona é altamente independente, como uma cidade atômica, e as várias organizações nela incluídas estão ligadas aos seus respectivos níveis superiores em Moscou. Deste modo, aqueles responsáveis pela geração de energia elétrica se reportariam ao Ministério da Eletricidade, e todos os aspectos relativos ao ciclo combustível do reator concernem à Jurisdição de Energia Atômica de Moscou, conhecida como Ministério de Maquinaria Média. A mesma cadeia de comando aplica-se ao serviço médico da zona, que deveria se reportar ao Ministério da Saúde.

De outro lado, o Partido Comunista dentro da zona deve prestar informações ao Obkom⁷ de Kiev e ao Comitê Central da Ucrânia, que tem um departamento especial tratando de todas as centrais elétricas da República Ucrâniana. No entanto, o comando operacional frente a uma falha no reator recairia sobre o diretor do partido ou o engenheiro chefe, que poderiam informar Moscou diretamente, não sobre o secretário. Do mesmo modo, as várias organizações técnicas e administrativas da zona poderiam certamente comunicar-se com Moscou, mas era daí que viriam as ordens sobre a maneira de lidar com o desastre. A separação entre a zona e a administração local foi importante durante a catástrofe. As equipes de atendimento médico e combate ao fogo fora desta zona eram as unidades locais de socorro, sem nenhum conhecimento especial. Assim, quando a equipe de bombeiros da usina viu-se incapaz de combater o fogo e pediu ajuda, as unidades regulares de Kiev e da cidade de Chernobyl aparentemente não possuíam as necessárias roupas de proteção, equipamento respiratório ou treinamento especial. Muitos dos casos graves e fatais de radiação parecem estar entre o pessoal da brigada local antifogo. A única coisa que estes bombeiros conseguiram fazer foi impedir que o fogo se alastrasse para os outros três reatores em operação, o que foi, sem dúvida, um feito extremamente importante, já que fragmentos da explosão caíram sobre os

outros reatores e, se o fogo houvesse se alastrado, teria ocorrido uma terrível catástrofe, que poderia ter destruído a Ucrânia inteira. Na segunda-feira, as autoridades de Moscou pediram informações aos suecos sobre a maneira de combater incêndio de grafite, mas, àquela altura, provavelmente os cientistas soviéticos já sabiam que deveriam usar boro e chumbo.

Se o controle do desastre no reator estava nas mãos dos especialistas, a decisão de evacuar a população das redondezas estava, presumivelmente, nas mãos do governo ucraniano.

Sim, este seria um problema para o governo em Kiev. E a primeira dificuldade deles foi, provavelmente, a falta de equipamentos para medir a intensidade dos níveis de radiação. Em segundo lugar, eles precisavam conseguir transporte. Se estivessemos nos Estados Unidos ou na Inglaterra, as pessoas poderiam ter saído da área em seus próprios carros, mas na União Soviética a maioria das pessoas não tem carro. As autoridades não podiam dizer à população para deixar suas casas — é ainda mais perigoso ficar na rua — e provavelmente recomendaram manter as janelas fechadas enquanto arrumavam meios de transporte. Na verdade, a organização da evacuação, que deveria ter sido a grande prioridade, foi feita de modo bastante ineficiente. Em seu discurso, Gorbachev afirmava que a evacuação havia sido levada a efeito em questão de horas. Era verdade, mas foram 36 horas, o que representa uma grande diferença. Para a população de Chernobyl, foi uma questão de seis dias.

Como é possível explicar essa demora? Eles estariam com medo de criar pânico ou foram complacentes porque o vento soprava para o outro lado?

Ambos são fatores prováveis. Mas também é possível que o governo tenha se concentrado mais nos efeitos de contaminação a curto prazo do que de longo prazo. Sem uma prévia discussão pública a respeito dos perigos da radiação a longo prazo, e com a disciplina de genética sendo instituída no ensino universitário só no final dos anos 60, é possível que simplesmente houvesse ignorância, por parte do governo, em relação ao assunto. As pesquisas publicadas na União Soviética enfocam apenas os ma-

7 Abreviatura de "Oblastroi Komitet. Partia" — Comitê Regional do Partido.

les da radiação e não os riscos posteriores de câncer.

O governo soviético constituiu uma comissão, chefiada pelo deputado Shcherbina, para investigar o desastre. Entretanto, alguns dias depois, o próprio primeiro-ministro Ryzhkov e Ligachev⁸ chegaram ao local. Algumas pessoas viram o fato como uma atitude de Moscou contra as autoridades ucranianas, pela insatisfação com o tratamento da crise. Como o senhor explica tais acontecimentos?

Na minha opinião, o governo central já estava no comando da situação antes que Ryzhkov e Ligachev chegassem, embora na própria Moscou deveriam existir desavenças. O Ministério da Saúde e outras agências responsáveis devem ter compreendido muito bem a gravidade do problema da contaminação e exercido pressão sobre o governo no sentido de evacuar uma área muito maior do que Pripjat e outras localizações no caminho da onda de radiação, como havia sido feito. O reator continuava produzindo altos níveis de radiatividade e uma nuvem muito perigosa para as regiões mais próximas criara-se sobre ele. Também era possível que o vento mudasse. O Ministério da Saúde, então, deve ter insistido na necessidade de evacuação de mais de 100 mil pessoas. Acredito que também havia consciência de que toda a plantação da região deveria ser destruída e a camada superficial do solo não poderia mais ser utilizada. Porém, deve ter havido resistência a tais pedidos por parte de outros setores governamentais, já que uma evacuação em massa por longo prazo torna-se muito cara em termos de acomodação, empregos, indenizações etc. Ao mesmo tempo, a população de Chernobyl, por exemplo, sabia que os habitantes de Pripjat tinham sido evacuados, o que parece ter sido o começo do pânico, na medida em que tentaram fugir por seus próprios meios. Nesta situação, a visita de Ryzhkov e Ligachev provavelmente destinava-se a acalmar a disputa, dentro do governo, sobre a necessidade de uma evacuação em larga escala. A idéia de que eles estivessem ali para assumir o comando e acabar com a resistência das autoridades locais contra a evacuação não é convincente porque, neste caso, os custos de toda a operação recairiam sobre o governo central.

Passemos agora para o fato de o governo soviético não ter informado imediatamente aos países escandinavos e talvez à Polônia sobre o acidente na usina nuclear de Chernobyl. Tem sido sugerido que, em função da grande intensidade de calor do reator, a radiação tenha sido emitida tão alto e tão rápido que o acidente não pareceu ser tão grave a princípio. O senhor acha esta explicação digna de crédito?

Não. Estou certo de que eles estavam conscientes da gravidade do desastre. Além disso, os níveis de radiação na torre meteorológica da usina deveriam estar bem altos. Evidentemente, porém, eles não perceberam o quanto a radiação se difundira na atmosfera nem tampouco o quanto a nuvem radiativa poderia viajar. Se soubessem, certamente não teriam mantido as estúpidas negativas frente às questões levantadas por outros governos. Mas as leituras iniciais dos níveis de estrôncio e céσιο sugeriam que a nuvem era bem menor do que na verdade se mostrou.

As repercussões econômicas

Quais as possíveis conseqüências provocadas pelo desastre nas plantações, no solo, na água e na economia da região como um todo?

Ainda é muito cedo para dar uma resposta precisa, porque o governo ainda não divulgou estimativas da contaminação nas áreas próximas à usina. Tudo o que temos hoje são estimativas dos físicos nucleares suecos, segundo as quais a emissão total de estrôncio e céσιο foi de 10 milhões de curies⁹. Se este índice for aproximadamente correto, entre 5 e 10 mil quilômetros quadrados de terra estarão inadequados para a agricultura no mínimo pelos próximos dez anos, a não ser que sejam adotadas medidas de descontaminação. Tais medidas envolveriam a remoção da camada superior do solo, o que não está fora de cogitação nesta região de rica terra preta. Contudo, enormes espaços para armazenagem deveriam ser encontrados e toda a operação seria bastante difícil e cara. De um modo geral, cerca de 1% de toda a terra cultivada da União Soviética estaria afetada. Nos primeiros cinco dias, a radiação foi levada sobre os *Marshes* de Pripjat, que, apesar de não serem importantes em termos agrícolas, desá-

⁸ Igor Ligachev, presidente da Comissão de Assuntos Externos do Soviete da União, considerado, devido ao cargo, o "número dois" ou ideólogo do Partido Comunista da União Soviética.

⁹ Curie (Ci) — unidade de medida de radiatividade, igual à atividade de uma amostra na qual o número de desintegrações por segundo é $3,7 \times 10^{10}$.

guam nos rios Dneiper e Pripyat e depois no Mar Negro. Posteriormente, o vento mudou e trouxe a contaminação para as terras férteis entre Kiev e Chernobyl.

Aparentemente, a quantidade total de radiação emitida neste acidente é comparável à do desastre dos Urais, nos anos 50, quando toda a vida vegetal e animal numa área de mil quilômetros quadrados morreu e importantes rios siberianos receberam água contaminada proveniente dos lagos. Naquele caso, o governo construiu represas e criou um sistema hidrológico isolado. A área dos Urais, porém, estava na fonte dos rios, enquanto que a região de Pripyat apresenta rios mais agitados, o que impede o estabelecimento de um sistema hidrológico isolado. No que diz respeito à cidade nuclear de Chernobyl, o governo afirma que o processo de descontaminação será concluído rapidamente e que os outros três reatores serão colocados em funcionamento. Mas eu duvido que isso aconteça. Primeiro, eles terão que fazer um exame extremamente detalhado na usina, o que pode levar anos, ao invés de meses. E também seria mais sábio esperar alguns anos, até que os níveis de radiação fossem menores, para retomar as horas normais de trabalho na zona nuclear.

O que o senhor acha da política de informação das autoridades depois que cessou a tentativa inicial de manter silêncio sobre o acidente?

O governo estava preparado para divulgar informações sobre o que havia acontecido na usina, além de alguns índices casuais, mas nenhuma informação foi emitida regularmente no que diz respeito aos níveis de radiação. Os dados revelados vieram de porta-vozes soviéticos no exterior e não foram divulgados à população russa através dos meios de comunicação. No caso do acidente de Three Miles Island, nos Estados Unidos, o desastre foi imediatamente divulgado pela mídia e leituras dos níveis de radiação eram emitidas de hora em hora pela imprensa, embora a companhia responsável pela usina tenha segurado as informações sobre as reais causas do acidente. Em Chernobyl, as primeiras informações sobre os níveis de radiatividade foram reveladas pelo secretário do Partido em Moscou, Boris Yeltsin, no dia 3 de maio, quando ele estava na Alemanha

Ocidental para o Congresso do Partido Comunista. Ele foi pressionado pelos jornalistas alemães e revelou que o nível de radiatividade era de 200 remgens por hora. Foram estas as notícias que criaram alarme na Alemanha, porque tais níveis estão bem acima do limite de segurança dos alemães. Posteriormente, em entrevista coletiva oficial em Moscou, Shcherbina deu um índice mil vezes menor — ele falou em 200 miliremgens e não remgens — e não indicou a área na qual o índice fora registrado. Mais tarde ainda, quando um físico do Conselho de Energia Atômica de Viena teve a oportunidade de sobrevoar o reator, ele levou seu próprio equipamento, registrando níveis muito mais altos do que o anunciado por Shcherbina e mais baixos do que os de Yeltsin (provavelmente mais acurados para os primeiros dias). Mesmo agora, diversos dados, como, por exemplo, contaminação do solo, não foram revelados.

Poderíamos então passar para as repercussões políticas do acidente de Chernobyl dentro da União Soviética e, em primeiro lugar, na Ucrânia? Inicialmente, o povo de Kiev pareceu responder às notícias do desastre com muita calma, mas posteriormente parece ter havido um começo de pânico e as autoridades, depois de uma demora considerável, impuseram severas restrições às rotinas diárias, deixando claro que os níveis de contaminação eram altos. Toda a população da cidade deve estar fazendo perguntas, querendo medidas de segurança e questionando até que ponto a situação foi conduzida adequadamente pelo governo. Deve haver cientistas em Kiev que podem estimar os riscos reais para a saúde.

É verdade que os habitantes de Kiev foram complacentes no início. Este espírito porém transformou-se rapidamente em pânico, o que poderia gerar sérios problemas policiais e políticos para o governo. Mesmo agora, se esta pressão popular aumentar, diversas pessoas serão destituídas de seus cargos. O secretário do Partido na Ucrânia, Shcherbitsky, por exemplo, permaneceu estranhamente silencioso durante todo o problema, sem fazer declarações públicas ou visitar a usina. É provável, então, que ele já estivesse fora de ação. Agora, o governo deverá sofrer grande pressão para emitir um relato completo do que aconteceu

e das possíveis repercussões do desastre para a saúde e o meio ambiente. Pode ser necessário, inclusive, a organização de um plebiscito sobre o futuro da indústria nuclear. (Existem menções sobre a possível utilização de plebiscito para decidir questões importantes e o direito de convocar essa consulta está na Constituição.)

No que diz respeito a Gorbachev, sua autoridade deve ter sofrido um golpe devido ao modo pelo qual conduziu o problema e a seu atraso em fazer qualquer declaração. Quando Gorbachev finalmente falou na televisão, o pronunciamento foi decepcionante, pois ele não falou nada que já não houvesse sido dito por outros. Gorbachev não pode ser responsabilizado sozinho pelas causas do acidente ou pelo programa nuclear de Chernobyl, mas ele será considerado responsável se acontecer um segundo acidente — e ele não pode se dar ao luxo disso.

A liderança soviética enfrenta hoje sérias dificuldades de decisão política porque o programa de energia aprovado pelo Congresso estabelece prioridade para uma rápida expansão da energia nuclear para fins civis, com a duplicação da produção nos próximos cinco anos e um aumento de cinco a seis vezes até o ano 2000. Alguns sinais, porém, indicam que o Politburo não está unido em relação a esta atitude. Ryzhkov tem um longo registro como grande entusiasta, na época em que estava em Sverdlovsk, onde foi implantada, em 1963, a primeira usina nuclear e o primeiro reator *fast-breeder*¹⁰. Ele também fez campanha para que a cidade conseguisse um terceiro reator e pode ser um dos responsáveis pelo alto grau de prioridade relegado ao programa nuclear dentro do plano quinquenal. Gorbachev, por outro lado, parece estar bem menos envolvido. Quando estava encarregado da Agricultura, ele permitiu o surgimento de críticas do setor agrícola quanto à destruição de terras devido à implantação das zonas nucleares. Em seu discurso, ano passado, em Leningrado, ele também salientou que a prioridade do setor energético deveria ser a conservação de energia, com redução da margem de consumo desperdiçado. Gorbachev, agora, pode estar inclinado a analisar a opção de convocar um plebiscito sobre a questão da energia nuclear, do mesmo modo como foi feito na Áustria e na Suécia. Esta seria, cer-

tamente, a melhor decisão — exigiria total divulgação das informações e um debate público em larga escala. No entanto, é impossível prever se a atual liderança soviética estaria preparada para romper com o passado de modo tão drástico.

Se, como parece ser o caso, a liderança de Gorbachev não pode ser responsabilizada pelo desastre de Chernobyl, a maneira pela qual ele conduziu a situação não expressa um posicionamento para sua orientação atual?

Podemos ver, sem dúvida, a existência de diversos fatores distintos durante a condução da crise, que indicam grandes dificuldades no governo soviético. Enquanto os técnicos e cientistas que tiveram atuação central no caso demonstraram grandes doses de coragem, habilidade e engenhosidade, o governo, por sua vez, mostrou uma inquietante falta de competência e imaginação ao tentar lidar com as conseqüências do acidente.

De um modo geral, todo o programa nuclear, do qual Chernobyl é uma parte, envolve uma mistura de entusiasmo tecnocrata e uma conservadora falta de visão, que caracterizam grande parte do pensamento da atual liderança soviética. A busca de inovação, dentro de um contexto basicamente conservador, é a fórmula para outras experiências destinadas ao fracasso. Espero apenas que sejam menos trágicas que o desastre de Chernobyl.

2. Velhos problemas, novas soluções?

Apenas um ano depois da morte de Chernenko, diversas caras novas apareceram na liderança soviética. Uma nova equipe, na verdade apoiada pelo congresso do Partido e por diversos novos recrutas do Comitê Central. O senhor poderia, então, ir além das frases lisonjeiras da mídia sobre esses novos governantes e avaliar seu passado, começando pelo próprio Gorbachev?

O que é peculiar no passado de Gorbachev é o fato de que não existe nada muito extraordinário nele, nada que o marque como alguém fadado a grandes feitos, mesmo em campos onde ele se considera um *expert*. Gorbachev se formou em Direito na Universidade de Moscou, mas nunca trabalhou como procurador, advogado ou qualquer atividade

10 Degenerador rápido.

de relacionada a sua profissão. Após a formatura, ele imediatamente começou a trabalhar com o Komsomol¹¹ entrando posteriormente para o Partido em Stavropol Krai¹², uma região quase que inteiramente agrícola, com apenas algumas indústrias leves e de processamento de alimentos. Aparentemente, Gorbachev decidiu que uma qualificação no setor agrícola seria importante para sua promoção na região e fez, então, um curso por correspondência em economia agrícola que durou cinco anos. Ele se formou em 1967 e o curso capacitou-o a ostentar o status de especialista e qualificar-se como secretário do Partido numa região produtora de grãos. Assim, quando ele se tornou secretário do Comitê Central, foi designado para a Agricultura.

Gorbachev substituiu Kulakov, que morreu em 1978, não se sabe se devido a um ataque cardíaco ou se cometeu suicídio. Kulakov havia sido poderoso, ainda relativamente jovem, aos 60 anos, quando morreu, e era membro do Politburo bem como secretário do Comitê Central. Um homem na linha de sucessão de Brezhnev. Nessa época, Brezhnev estava doente e sua equipe não tinha nenhum sucessor mais óbvio — Chernenko ainda não estava pronto e Kirilenko e Suslov estavam muito velhos. No entanto, foi Kulakov quem morreu e Gorbachev ficou o responsável pela Agricultura. Kulakov havia sido razoavelmente bem-sucedido, e o desempenho agrícola ia bem até 1978. A primeira campanha agrícola de Gorbachev foi em 1979 e os resultados foram muito pobres. Poderia ter sido acidental, é claro, devido à peculiaridade de um mau ano agrícola. Mas 1980 também foi ruim e 1981 foi um desastre: apenas 115 milhões de toneladas de grãos — 70 milhões a menos que o planejado. A partir daí, os dados da produção soviética de grãos não foram mais divulgados¹³.

Andropov concedeu-lhe muito mais poder, de modo que pudesse ter maior autoridade na condução dos problemas. Com a morte de Andropov, Gorbachev ficou em segundo lugar na linha do comando, ainda encarregado da Agricultura. Mas o desempenho agrícola ainda estava muito mal. O ano de 1984 foi um novo desastre e a União Soviética teve que importar 55 milhões de toneladas de grãos, no maior índice já registrado por um país e numa quantia mais alta do que

o Estado era capaz de obter internamente através da Agropom e do mercado de grãos.

Desde que se tornou secretário-geral, Gorbachev reteve para si o controle total sobre a Agricultura. A produção de 1985 ainda foi ruim como a do ano anterior, e até mesmo ligeiramente menor em termos de índice *per capita*. Assim, no setor onde Gorbachev teve a chance de mostrar seu próprio trabalho, não houve progresso, apenas declínio. Ele esforçou-se bastante, introduzindo novos métodos, novas tecnologias intensivas, mais investimentos em mecanização e construção, aumentou salários e bônus. Mas o resultado de tudo isso não trouxe um aumento da produção, apenas um custo mais alto e maior peso para o Estado em termos econômicos.

O senhor acha, então, que, apesar da evidente habilidade tática de Gorbachev, ele não tem competência?

Ele é competente, mas dentro de certos limites. Brezhnev era um líder pela metade, que não fazia nada sem seus conselheiros. Gorbachev é muito mais enérgico e se esforça bastante, mas seu horizonte político não se estende além dos limites do sistema existente. Todos seus esforços no campo da Agricultura foram destinados a provar que o sistema já estabelecido, de plantação centralizada, pode funcionar produtivamente. E esta visão estreita está fadada ao fracasso. Ele tentou ser um homem mais ou menos do Partido, dizendo às pessoas o que fazer e como fazer, no velho método de pressionar de cima. O que certamente foi mais do que a pressão exercida por Khrushchev na administração agrícola nos anos 50 e que, em muitos casos, é contraprodutivo. Ele não percebeu que, incrustados no sistema atual da administração agrícola, estão muitos elementos negativos que o impedem de funcionar efetivamente.

A impressão que o senhor dá de Gorbachev é a de uma versão de Brezhnev aos 20 anos de idade, um burocrata partidário ao invés de um tecnocrata cheio de novas idéias políticas.

E isso é verdade, apesar de que Gorbachev é mais hábil do que foi Brezhnev. Seu estilo político lembra, em certos pontos, o de Khrushchev, com suas andanças pelas ruas, visitas a fábricas e restaurantes e conversas com as pessoas. Brezh-

11 Abreviatura de "Komunistii Soiuz Molodroz" — União da Juventude Comunista.

12 "Krai" significa região — região de Stavropol.

13 Em outubro de 1986, depois de cinco anos de silêncio, o governo divulgou os dados reais sobre as colheitas daquele ano.

nev nunca fez isso. Ele preferia as *villages* de Potemkin. No entanto, Khrushchev era genuinamente muito mais corajoso, preparado para correr enormes riscos: ele viveu no meio do terror e sobreviveu e estava pronto a lidar verdadeiramente com personagens tão perigosos quanto Beria. Gorbachev, por sua vez, não chegou ao poder em meio a tais condições, ele é um tipo de pessoa muito mais cautelosa, com as limitações de um típico *apparatchik*, sem o radicalismo de Khrushchev.

O segundo homem mais poderoso deste novo time aparentemente seria Ligachev, que parece personificar o novo puritanismo dentro desta liderança. Qual é o seu background?

Ligachev ocupa o cargo de chefe ideológico, que anteriormente fora ocupado por Suslov. Ele é um indivíduo bastante independente, não é um homem de Gorbachev. Foi promovido por Andropov e é muito poderoso. Sua carreira é mais brilhante do que a de Gorbachev, ainda que bastante similar. Ele também foi um secretário do Komsomol, em Novosibirsk, mas saiu-se bem melhor, transferindo-se diretamente para o departamento organizacional em Moscou, durante o mandato de Khrushchev. Em 1965, então, ele foi demitido por Brezhnev e transferido para Tomsk como secretário do Partido, enquanto Kapitonov foi feito encarregado do centro. Ligachev "mofou" em Tomsk durante dezito anos, sem promoção, até que Andropov trouxe-o de volta. Ao invés de Gorbachev, ele é puritano e um ideólogo estrito, inteiramente comprometido com as metas históricas do Partido e seu papel. Ele é, provavelmente, um ideólogo mais competente do que Suslov, com melhor formação e mais experiente no campo ideológico.

Por outro lado, Ryzhkov, o primeiro-ministro, é certamente um tecnocrata, como muitos dos outros líderes novos.

Exatamente. Até 1975, Ryzhkov trabalhou na indústria, como engenheiro chefe. Ele se formou na Escola Politécnica de Ural e tornou-se diretor do Uralmash. Então, ele entrou para o governo como deputado da Comissão de Planejamento e foi indicado como secretário do Comitê Central há apenas três anos. Ryzhkov deverá compreender as necessidades da indústria muito melhor do que

Gorbachev — o que o setor precisa para obter sucesso; e provavelmente tentará defender os interesses do setor. Duvido que ele sinta necessidade de pedir conselhos a Gorbachev sobre problemas econômicos, inclusive porque foi apenas no ano passado que Gorbachev começou a entender os mecanismos de funcionamento da economia industrial. É possível, porém, que surjam algumas tensões entre os dois, semelhantes àquelas que ocorriam entre Brezhnev e Kossygin, que era um administrador econômico muito sábio. Por três vezes, Kossygin quis demitir-se devido a atritos com Brezhnev por prioridades econômicas. E, a menos que Gorbachev esteja preparado, agora, para dar caminho livre a Ryzhkov, o mesmo tipo de conflito poderá surgir.

Como o senhor classifica estes novos e jovens tecnocratas?

A geração mais brilhante de tecnocratas da história soviética é a daqueles que atingiram notoriedade no período de Stalin, geralmente em idade pouco avançada. Os homens que hoje estão no poder não são desse calibre técnico, eles não dão a impressão de que são únicos e insubstituíveis. Eles tiveram que subir lentamente, passo a passo, até alcançar altas posições, já na meia-idade.

A impressão, entretanto, é de que, em contraste com o clientelismo endêmico do período de Brezhnev, quando as promoções eram determinadas tanto por qualificação quanto por conexões pessoais, Gorbachev está tentando enfatizar a competência técnica no seu quadro político.

As promoções feitas por meio de conexões internas ainda não acabaram. O próprio Gorbachev deu importantes cargos a amigos, que não têm nenhuma qualificação para o emprego. Veja o exemplo de Murakhovsky¹⁴, também indicado como primeiro deputado do primeiro-ministro, posto que lhe dá o direito de passar por cima de Ryzhkov e se reportar diretamente ao Politburo. Murakhovsky teve uma educação bastante limitada, numa escola para professores; ele não tem nenhuma qualificação para o setor agrícola. E ele é um burocrata, não um tecnocrata. Gorbachev conheceu-o em 1955, quando voltava da Universidade de Moscou para Stavropol. Murakhovsky já era, então, secretário do Komsomol e eles têm estado juntos des-

14 Vsevolod Murakhovsky dirige toda a política agrícola da União Soviética, como chefe do novo comitê agroindustrial.

de aí. Quando Gorbachev tornou-se secretário do Comitê Central, ele colocou seu amigo como primeiro-secretário de Stavropol, pulando três ou quatro pessoas. O mesmo exemplo repete-se agora.

Veja também o exemplo de Razumovsky, o novo chefe do Departamento de Organização, encarregado do quadro de pessoal — um posto alto e importante, que deveria ser ocupado por um secretário do Comitê Central. Ele é um velho amigo de Gorbachev, de um comitê executivo do Kuban, em Krasnodar, que foi então promovido ao cargo de secretário do comitê *krai*. Foi ele o aliado de Gorbachev na luta contra o amigo corrupto de Brezhnev, Medunov. Ou, ainda, o novo ministro do Interior, que não tem nenhuma experiência em qualquer ministério. Sua única qualificação para o cargo foi sua amizade pessoal com Gorbachev, dos tempos de Stavropol. É um modo bastante estranho de nomear um alto ministério. O mesmo exemplo se aplica a Alexandre Yakovlev, o novo chefe do Departamento de Propaganda do Comitê Central. Ele tem a reputação de ser um liberal. Foi demitido do departamento há doze anos, por Brezhnev — estava produzindo artigos ideológicos muito sofisticados mas Suslov ficou enciumado, arranjou uma altercação com ele e Yakovlev foi mandado para o Canadá como embaixador. Ainda assim, não podemos supor que Gorbachev o tenha escolhido devido ao seu caráter supostamente liberal. Sua promoção veio da amizade pessoal que manteve com Gorbachev durante a visita deste ao Canadá, em 1983. Gorbachev trouxe-o de volta, fê-lo chefe de algum instituto qualquer, chamou-o como seu conselheiro durante sua viagem à Grã-Bretanha e agora colocou-o como seu chefe de Propaganda. Todos estes são exemplos de um método bastante tradicional de fazer escolhas.

Tecnologia e ciência

Vamos passar agora do pessoal para a política. Creio que podemos começar com um tema constante em Gorbachev, que é a necessidade de levar a efeito a revolução científico-tecnológica e modernizar a tecnologia soviética. Quais são os principais problemas nesta área e como a nova liderança soviética vem tentando lidar com eles?

Nos anos 60, a defasagem científica existente entre os países do Ocidente e a União Soviética começou a diminuir, tanto que, em meu livro sobre a ciência russa, de 1977, eu fazia prognósticos bastante otimistas para o setor. Porém, nos últimos seis ou sete anos, esta defasagem recomeçou a aumentar em uma série de campos científicos. Posso ver isso muito claramente no que diz respeito a genética e bioquímica, que é o meu campo de trabalho, onde entre 1973 e 1975 começou uma nova revolução científica. Este setor depende da utilização de uma tecnologia de informática de alto nível, além de novos equipamentos biológicos para produzir enzimas, novos produtos bioquímicos de alto grau de pureza. Para se fazer uma análise bioquímica de um DNA, para se apresentar a estrutura de um gene, por exemplo, é necessário um computador para verificar se as manchas têm uma seqüência determinada. O avanço neste campo tem sido muito rápido, quanto a centenas de novos produtos. E na União Soviética, no entanto, não há nenhum progresso neste setor. Hoje, os soviéticos dependem inteiramente de equipamentos estrangeiros, além de enzimas e substâncias químicas também estrangeiras. Os responsáveis pela administração científica têm pressionado o governo para obter auxílio, o que resulta num enorme montante de dinheiro gasto na construção de prédios, alguns até vinte vezes maiores do que o meu instituto em Londres. Por exemplo, Yuri Ovchinnikov, diretor de biologia molecular em Moscou, construiu seu instituto com doze prédios de seis andares, dispostos na forma de uma hélice dupla. E contratou cerca de 6 mil pessoas. No entanto, no último congresso mundial de bioquímica, sua equipe não apresentou um único trabalho, porque não é capaz de produzir nada no nível exigido pelos congressos e encontros internacionais.

O problema é, em parte, institucional. São necessárias pequenas empresas de biotecnologia, com pesquisadores produzindo pequenas quantidades de um tipo de enzima, quando o setor depende de milhares de enzimas diferentes. Cada uma destas empresas poderia ser ajustada para produzir diferentes produtos comerciais. No entanto, pequenos negócios não são de todo populares na União Soviética, onde qualquer transação comercial é diferenciada pelos ministérios. As-

sim, os cientistas fazem uma coisa, a alta tecnologia faz uma outra e a microbiologia é orientada, em grande parte, para a produção de proteínas para rações de animais.

O mesmo problema ocorre no campo da virologia. A União Soviética declara não ter nenhum caso de Aids, mas a verdade é que eles não têm indústria para produzir os anticorpos monoclonais, que poderiam identificar o vírus da doença. Evgeny Chazev, que recebeu o Prêmio Nobel da Paz, construiu o maior centro de cardiologia do mundo, ligado ao hospital do Kremlin. É um complexo de sete institutos diferentes, mas que não é capaz de fazer a maioria das operações cardíacas que se fazem no Ocidente. E a mesma história pode ser contada em relação a farmacologia e indústria farmacêutica.

Existe alguma proposta de reforma para este setor?

Propostas existem, mas não são radicais o suficiente. É preciso mudar a infra-estrutura, o que não significa empresas privadas, mas sim o fato de que os centros e laboratórios estatais deveriam ter um sistema mais flexível de comércio, capaz de relacionar-se com outros sistemas sem passar por um ministério. Alguns esforços têm sido feitos neste campo, mas também é necessário modificar os incentivos financeiros, de modo, por exemplo, que o desenvolvimento bem-sucedido de novos produtos destinados a transações comerciais acarretasse recompensas. Hoje, na União Soviética, isto permanece a nível de pedidos de altas autoridades a cientistas para que obtenham melhores resultados no que se relaciona à indústria. Toda a estrutura científica russa continua tão rígida e hierárquica que os jovens cientistas têm pouquíssimas oportunidades de serem independentes. No Ocidente, este problema também ocorre, mas, ao menos no meu instituto, um jovem cientista que produz um bom trabalho ou tese pode tornar-se rapidamente conhecido e influente e encontrar um bom emprego, com salários mais altos, em qualquer lugar. Na União Soviética, porém, apenas os grandes cientistas são considerados autoridades. Não importa o quanto um jovem é bom: ele ou ela continuará um pesquisador júnior e só poderá levar adiante seu trabalho com a cooperação

de um dos sêniores — alguém da Academia — e não terá oportunidade de apresentá-lo em nenhum encontro internacional.

Existe falta de liberdade no sentido real: liberdade de colaboração, de apresentação e publicação dos trabalhos, liberdade de viajar. Além disso, a carreira de um cientista é travancada pela parafarnália de graus e títulos e de lealdades políticas — uma situação que tem piorado cada vez mais ao invés de melhorar. Nos anos 50, os cientistas eram as pessoas mais livres da União Soviética, com bons salários e alto prestígio. Agora, existem outros empregos atrativos para os jovens brilhantes e os cientistas, particularmente os tecnólogos, que ganham salários baixos. Existe também um problema de geração. Da morte de Stalin até metade da década de 50, registrou-se um drástico aumento do número de cientistas, de cerca de 150 mil a quase 700 mil, e novos centros científicos, como Novosibirsk. Na época, os jovens, como eu, podiam progredir rapidamente para tornarem-se chefes de laboratórios. Hoje, eles estão mais velhos, têm muitos títulos, mas já não são capazes de produzir. A pesquisa é cara e as vagas são limitadas.

Ademais, aquela era uma época de liberalização, com discussões mais livres a respeito de assuntos políticos, onde não havia uma conexão direta entre promoção e visão política. Solzhenitsyn¹⁵, inclusive, descreve em *The Oak and the Calf*, como Suslov cumprimentou-o certa vez, numa noite de autógrafos — uma atmosfera que terminou com a invasão da Checoslováquia. É praticamente impossível imaginar Ligachev — o Suslov de agora — apertando as mãos de um escritor que escreve coisas no estilo de Solzhenitsyn. Hoje em dia, um cientista que expressa qualquer opinião heterodoxa ou divergente não tem chance de promoção. A obtenção de novos títulos e prêmios está estreitamente ligada às lealdades políticas. Os cientistas, assim, estão sob um controle político e ideológico muito grande, o que afeta seriamente o desenvolvimento da ciência.

O senhor acha que uma pessoa como Gorbachev tem conhecimento destes problemas?

Não, ele não tem consciência deles. Gorbachev acredita que o partido é a fonte suprema da sabedoria em todos os

15 Alexander Isayevitch Solzhenitsyn, escritor russo atualmente vivendo nos Estados Unidos. Recebeu o prêmio Nobel de Literatura em 1970.

sentidos e que, se você quiser que os cientistas façam alguma coisa, deve dar-lhes dinheiro e dizer-lhes o que quer que façam. E eles farão. Este método pode ter funcionado no tempo de Stalin, quando apenas um homem, como Kurchatov ¹⁶, fazia uma enorme diferença num campo como o das armas atômicas. Stalin deu-lhes recursos infindáveis e Kurchatov produziu a bomba. No entanto, quando fizeram o mesmo com Chazev, com vistas ao desenvolvimento do campo de doenças cardíacas, ele construiu seu astronômico complexo cardiológico e, no entanto, o índice de ataques cardíacos e problemas coronários aumentou assustadoramente, a ponto de, hoje, responder por uma porcentagem ainda maior de *causa mortis*.

Portanto, este velho tipo de aproximação não funciona. Para se obter um rendimento melhor, é preciso mobilizar milhares de cientistas, o que exige a concessão de maior liberdade de expressão e a eliminação da hierarquia, de modo a dar mais chances aos jovens. E, no entanto, Gorbachev fortaleceu esta hierarquia. Antigamente, havia apenas cientistas júnior e sênior. Hoje, temos os cientistas júnior, os sênior, os cientistas chefes e os cientistas líderes. Depois, então, existe uma segunda hierarquia de posições administrativas e uma terceira hierarquia de títulos — PhD, Doutor, Membro da Academia, Acadêmico etc. Ao todo, portanto, existem três sistemas paralelos de promoção, o que representa um meio bastante estúpido de distrair os cientistas de suas pesquisas. E é aqui que vemos a principal contradição de todo o estilo de Gorbachev. Ele quer criar uma sociedade altamente produtiva, sofisticada e de alta tecnologia, mas ao mesmo tempo quer manter tudo sob controle e assegurar que a burocracia do Partido tenha todo o crédito pela melhoria de vida. Não existe nenhuma tentativa séria de delegar poder e decisão aos níveis mais baixos.

Agricultura

Ao discutir a carreira de Gorbachev, o senhor salientou os graves problemas do setor agrícola. Como o senhor define estes problemas e que tipo de sinais indicam, hoje, a existência de novas idéias para o tratamento do setor de agricultura?

O aperfeiçoamento agrícola é o elemento chave para qualquer esforço de retomar um dinâmico crescimento econômico. É um problema difícil, para o qual não existe uma única resposta abrangente. Veja o exemplo da Ásia Central, uma região onde a população rural está crescendo rapidamente. A área produz, especificamente, algodão, com base em irrigação, proporcionando bastante dinheiro para a população local. Atualmente, a região produz algodão demais para as necessidades soviéticas e portanto mais de 1 milhão de toneladas são exportadas. Ainda assim, a região precisa importar alimentos. Do mesmo modo, o sistema de irrigação está secando o Mar Aral, eliminando rapidamente os peixes, e não existe nenhum tipo de incentivo econômico que permita à região mudar da cultura do algodão para milho ou cereais. Tal situação, que resulta da decisão de Stalin de desenvolver a cultura algodoeira nos anos 30, quando a União Soviética precisava importar 50% do seu algodão, já não tem mais sentido. Os problemas são bastante diferentes em outras áreas. Nos Cárpatos e na região central da Rússia, por exemplo, existe um sério problema de êxodo rural, que envolve não apenas a mudança para as cidades, como também de pequenas vilas para outras mais bem equipadas. Deste modo, entre Moscou e os Urais existem hoje cerca de 150 mil vilas consideradas "sem futuro", enquanto somente 90 mil foram designadas para ter algum desenvolvimento. Estas vilas fantasmas têm pequenos campos que já não são mais cultivados e prédios vazios e abandonados, o que representa um enorme desperdício de recursos. Alguns artigos têm aparecido na imprensa, na região de Smolensk, por exemplo, sobre pessoas querendo tomar posse destas terras e cultivá-las, como brigadas contratadas para produzir não necessariamente para o mercado, mas para as fazendas coletivas da vizinhança. As autoridades proibiram este sistema como ilegal, pois acarretaria agricultores privados e as pessoas envolvidas ganhariam mais dinheiro do que os fazendeiros coletivos. Além disso, os habitantes das cidades também iriam querer comprar tais fazendas como *dachas*, mas os camponeses são proibidos de vendê-las.

Existe ainda o problema de como trabalhar a terra. Não são necessárias grandes máquinas — um cavalo seria sufi-

¹⁶ Igor Vasilevich Kurchatov, considerado o "pai da bomba atômica russa". Foi diretor do Instituto de Energia Atômica da Academia de Ciências da União Soviética. Morreu em 1960, aos 57 anos.

ciente para o arado. Só que utilizar um cavalo para tais propósitos é proibido. Na União Soviética, um cavalo pode ser usado para esporte ou para transportar pessoas idosas, mas não como meio de produção em mãos privadas. Este foi um dos sagrados decretos da Revolução. Assim, num país tão extraordinariamente diversificado, as tentativas de produzir diretrizes centrais para obter respostas gerais simplesmente não funcionam. Porém, como Gorbachev era favorável à irrigação, o Ministério da Irrigação introduziu o que se pode chamar de irrigação produzida em massa, o que beneficiou alguns tipos de campos, supersalinizou outros e destruiu terceiros. O mesmo modelo ocorreu com a produção em massa de fertilizantes, acarretando desequilíbrio de sais de nitrogênio, fosfato e potássio. Além disso, aplicar fertilizantes sem levar em consideração a falta de pesticidas e herbicidas pode resultar no desenvolvimento de ervas daninhas ao invés de beneficiar as colheitas. Tais problemas acentuam-se quando se muda da agricultura extensiva com grandes áreas desocupadas para os métodos intensivos favorecidos por Gorbachev. E estes métodos intensivos requerem um complexo sistema de produtos químicos aplicados com base em cuidadosas análises locais de solo. Decisões desse tipo devem ser tomadas pelos fazendeiros locais, e não de um modo generalizado. Assim, a consequência de muitas decisões centralizadas tem sido uma séria erosão dos solos e a redução da fertilidade.

Quando Gorbachev estava encarregado da Agricultura no período de Brezhnev, sua idéia era a de criar um único complexo agroindustrial: organizar a agricultura, as indústrias que providenciam os recursos para o setor e as indústrias de processamento de alimentos numa só rede. A idéia pode ter sido baseada na comparação entre o exército e a indústria, mas a analogia não pode ser totalmente aplicada, já que aí o consumidor, o exército, tem soberania, pode pegar e escolher o que quer. Mas Gorbachev não concedeu tais direitos aos kolkozos e sovkozos¹⁷. Num grande e único sistema, inclusive, foram os produtores — a indústria de tratores, por exemplo — que detinham o poder de decisão. Eles podiam vender todo seu equipamento, geralmente de baixa qualidade e nem sempre montado. Os kolkozos não

têm direito de recusar este equipamento. Devem, ao contrário, pagá-lo, montá-lo e, no caso de defeito, consertá-lo.

Mesmo quando os produtores passam por dificuldades para fabricar equipamentos modernos, as coisas ainda podem dar errado. Por exemplo, recentemente foi introduzida, para todo o país, uma nova colhedeira, chamada Don. Ela deveria ter sido produzida até 1984, mas não ficará pronta até o final do plano quinquenal porque, apesar de ser computadorizada e ter uma cabine confortável, é pesada demais e prejudica o solo. Por isso, teve que ser significativamente modificada. Problemas semelhantes ocorrem com a indústria de alimentos, que precisa comprar dos kolkozos a um preço muito mais alto do que seu próprio preço de varejo — quatro ou cinco rublos por uma carne que deve ser vendida por dois rublos. Assim, não existe nenhum incentivo econômico para o desenvolvimento do processamento de alimentos, os varejistas estão falindo e o alimento é parcamente preparado.

No final do ano passado, numa atitude drástica, Gorbachev descartou os sete ministros envolvidos com a Agricultura, transformando algumas centenas de burocratas em excesso e implantando um único comitê, com apenas um responsável. No entanto, isto só trará progresso se estiver associado à restituição do poder de decisão, dando maior independência às fazendas coletivas e aos fazendeiros e também a diferentes regiões, para que estabeleçam suas próprias quotas e tenham direitos de decidir sobre seus próprios métodos.

A descentralização precisa ser genuína e não uma substituição de ministérios pelo centro do Partido, como aconteceu no período de Khrushchev. Além disso, deve existir mais agricultura privada nos moldes húngaros, em regiões com pouca população rural. Não sou favorável a uma privatização generalizada da agricultura — isto já não é mais possível na União Soviética —, mas o elemento privado precisa ser aumentado. Até mesmo com a aplicação do sistema chinês, que arrenda as terras aos camponeses por 24 anos, mantendo, assim, a nacionalização.

E Gorbachev pode vir a aceitar mudanças deste tipo?

Acredito que ele será pragmático e flexível o bastante para fazê-lo. Mas não

17 Kolkozos, abreviatura de "Kolektivnara Kboziarstva" ou Economia Coletiva (Cooperativa de Produtores Agrícolas). Sovkozos, abreviatura de "Sovietskara Khoziarstva" ou Economia Soviética (Fazendas Estatais Soviéticas).

será fácil para ele admitir que o sistema atual, que por tanto tempo ele defendeu, não pode ser melhorado e por isso deverá ser modificado. No 27.º Congresso do Partido surgiram sinais de que algumas idéias estruturais novas estariam sendo consideradas, envolvendo liberalização econômica dos serviços rurais e até dos kolkozoes, com introdução de maior iniciativa privada. No entanto, existem grandes inibições ideológicas contra a proclamação pública de tais mudanças, ainda que Brezhnev tenha duplicado o número de áreas privadas. O problema é que, se o setor privado no campo tornar-se mais rico que o setor estatal, haverá tensões sociais e ideológicas. Por outro lado, se não houver mudança, também não haverá crescimento adequado.

Indústria

Pelo que o senhor mencionou, parece que, a curto prazo, o novo time do governo não tem perspectiva alguma de promover uma rápida reversão no insatisfatório desempenho agrícola. O progresso, então, deve depender do crescimento industrial. Existem indicações de um novo tratamento para este setor?

Tem havido um debate real, na imprensa, sobre reforma econômica. Algumas pessoas têm sugerido modelos envolvendo competição de mercado, no sentido de que para cada setor da indústria deveriam haver alternativas de escolha. No Ocidente, alguns analistas afirmam que Aganbegyan, o economista que foi diretor do Instituto de Pesquisas Econômicas de Novosibirsk e que tem aconselhado Gorbachev, pertence a esta escola, mas eles estão enganados. O modelo de Aganbegyan engloba computadorização da economia a tal nível de coordenação e simplicidade administrativa que seriam obtidos ótimos resultados em qualquer setor. Até mesmo a reforma de Kossygin, em 1965-66, que foi paralisada, era mais revolucionária do que esse modelo, quando se trata de utilizar mecanismos de mercado.

Gorbachev e Ryzhkov têm criticado fortemente a ciência e a tecnologia soviéticas por tentarem apenas promover o desenvolvimento de sistemas industriais já existentes, enquanto tais sistemas já estão ultrapassados e incapazes de competir no mercado mundial. O slogan,

agora, é para nova tecnologia, computadorização e automação.

No entanto, o mecanismo de indução de tais mudanças permanece o antigo sistema administrativo. Não há mistério acerca disto. Em 1985, tivemos uma série de discursos de Gorbachev — primeiro em Leningrado, depois em Kiev, em Minsk e na região petrolífera de Tyumen —, apresentando sua política econômica. Além disso, temos o novo plano quinquenal e o projeto econômico do Congresso do Partido, para os próximos quinze anos — um amontoado de documentos sobre planos econômicos. Tudo isso resulta no velho sistema de planos de metas detalhados para cada setor.

O modelo matemático de Aganbegyan pode ser valioso, mas não substitui a competição, que age como pressão sobre as empresas para se conformarem ao modelo. O que está faltando na União Soviética é liberdade para que os administradores colaborem, fora do modelo do sistema centralizado dos ministérios, ou que colaborem com o bloco Oriental — não importa o Ocidente. Nos países ocidentais, este modelo de computadorização é utilizado em grandes companhias, mas funciona porque seus administradores têm acesso irrestrito aos produtos de outras empresas. Na União Soviética, este acesso passa pelos ministérios, que devem coordenar. E este aparato não consiste em economistas ou especialistas em computação, mas sim em burocratas que na verdade oferecem bem pouca coordenação. Assim, para que o modelo funcione, seria necessário livrar-se deste esquema de administração central. Além disso, os departamentos de economia do Partido também devem ser eliminados. Cada ministro tem, sobre seu cargo, o respectivo departamento do Partido que o supervisiona num sistema de administração dupla. Não existe, porém, troca de know-how técnico e científico. Ademais, o aparato do Partido não se utiliza de computadores para tomar suas decisões — a coisa é feita ao modo antigo. Assim, existem mais de 60 desses ministros fazendo peso contra o modelo computadorizado.

Acredito que todas as metas de produção a longo prazo adotadas agora não sejam realísticas — não mais do que o era o programa de alimentos elaborado por Gorbachev no começo dos anos 80:

em nenhum dos cinco anos de operação ele obteve resultados sequer próximos às metas traçadas. É claro, a agricultura depende do tempo e, deste modo, muitas das críticas podem ser exageradas. Mas metas industriais dependem de nova tecnologia, que Gorbachev quer ver desenvolvida internamente e não importada de países ocidentais. Não é um trabalho fácil nem previsível, e é exatamente aí que estará o gargalo. Na verdade, uma importação em massa de tecnologia seria necessária. Porém, os principais produtos soviéticos de arrecadação de divisas estrangeiras são petróleo, carvão, madeira e gás e, destes, apenas o gás continua a crescer. A produção de todos os outros três está em declínio.

Acredito, também, que é um erro o Congresso do Partido tentar adotar planos de metas até o ano 2000, pois estamos tratando com mudanças tecnológicas bastante dinâmicas. Por exemplo, eles planejam apenas 60 mil aparelhos de videocassete na União Soviética até 1990 e cerca de 200 mil até o ano 2000 — estão temerosos com a revolução do vídeo, desde que ela possibilitaria à população o acesso a fitas ocidentais. No entanto, o desejo de controlar essa demanda apenas provocará seu aumento. Outro exemplo é a recusa em estabelecer metas para fotocopiadoras de escritório e que no entanto são necessárias em qualquer indústria. Assim, mesmo nos planos mais recentes, podemos encontrar restrições sobre diversas coisas que, aqui, encaramos como naturais e óbvias.

Diversas pessoas, no Ocidente, argumentam que Gorbachev, apesar de não estar propondo, agora, nenhuma grande reforma, ainda pretende fazê-lo no futuro. E, no entanto, o senhor está sugerindo que não será assim.

Gostaria de acreditar nisso. Mas, então, por que toda essa preocupação em estabelecer metas detalhadas para o ano 2000, fazendo-o não apenas nos programas econômicos do Congresso do Partido mas também nos documentos sobre bens de consumo, tanto do governo quanto do Comitê Central? Estão fazendo o mesmo com a agricultura e tudo isso é desnecessário. E tem a cobertura do próprio programa do Partido, que não estabelece nenhuma cláusula indicando mudanças na estrutura tradicio-

nal do Partido ou meios de operação que seriam necessários. Tudo isto indica que Gorbachev acredita já estar realizando as mudanças de longo prazo. Ele realmente acredita que, uma vez mudando as pessoas, colocando uma nova geração no poder, o sistema econômico começará a funcionar eficientemente. Inovação e radicalismo são apenas questão de imaginação e Gorbachev não parece ser muito astuto neste campo.

Muitas pessoas também argumentam que Gorbachev não está totalmente no controle, mas isso não pode ser aceito. Ele já fez grandes mudanças a nível de pessoal e tem gente sua controlando a seleção de delegados ao Congresso, de modo que consegue aprovar o que quer. O Congresso era a melhor chance de obter apoio a novas idéias e liberdade para futuras reformas. No entanto, Gorbachev não parece inclinado a utilizá-lo para este propósito.

Temos falado, até agora, sobre os planos de Gorbachev quando se trata, vamos dizer assim, de administrar "coisas". E sobre seus planos para administrar pessoas e tentar assegurar-se de que elas concordarão com seus objetivos? Qual é o significado da idéia de coletividades de trabalho?

A legislação sobre as chamadas "coletividades de trabalho" foi introduzida no mandato de Andropov. É um sistema de contrato que torna a receita dos membros de uma brigada dependente da produção final. Ainda que isto seja declarado experimental, não há evidência se faria qualquer diferença. Gorbachev, no entanto, não propôs nada novo. Ele parece acreditar que o sistema de brigadas começará a apresentar suas vantagens reais a partir do momento em que as modificações tecnológicas ocorrerem na indústria.

No entanto, o sistema de brigadas provocou diversos problemas. Aqueles com maiores produções aumentaram seus salários, mas isso acarretou diferenciação econômica, especialmente no setor agrícola. De acordo com este sistema, na agricultura, o trabalhador recebe um bônus por ter *cumprido* a meta de produção — o restante acima desta meta pode ser vendido diretamente no mercado pela brigada. Isto, porém, discrimina o comércio em favor daqueles que produzem, por exemplo, vegetais, e é desfavorável àqueles que produzem

grãos ou ração, que só podem ser vendidos através de procuração de agências estatais e não no mercado livre. Além disso, aqueles que produzem ração podem ser impedidos de alcançar as metas de produção por fatores alheios à sua vontade e, deste modo, o novo sistema não lhes dá nenhum incentivo. Nestes setores, as brigadas são bastante impopulares. Assim, cerca de 25% dos camponeses estão em brigadas, enquanto os 75% restantes — incluindo os velhos, viúvos, mulheres trabalhadoras com famílias e assim por diante — estão trabalhando em plantações menos produtivas, com seus salários em declínio. E por isso muitas pessoas nas vilas estão descontentes com o sistema. Problemas semelhantes estão ocorrendo na indústria. O sistema antigo tinha quotas individuais, o que resultava em pagamento pela produção individual. Já o sistema de brigadas capacitou alguns grupos de trabalhadores manuais a aumentarem seus salários além da renda de especialistas como engenheiros. Como resposta, Gorbachev elevou os salários destes especialistas, mas apenas ligeiramente, porque tem pouco dinheiro extra para distribuir. Toda essa história é um exemplo de como um esquema elaborado por algumas poucas pessoas do centro do poder pode produzir todos os tipos de resultados imprevisíveis, quando aplicado numa sociedade extremamente complexa.

Quando Gorbachev fala em auto-administração na indústria, a que ele se refere?

Não é auto-administração no sentido iugoslavo ou em qualquer sentido real. Ele fala em auto-administração no contexto da necessidade de restringir a interferência ministerial. O problema da economia soviética, reconhecido por muitos economistas da União Soviética, é o fato de que os diferentes setores econômicos pertencem a ministérios distintos, que não estão coordenados. Por exemplo, um ministério possui uma fábrica de tratores. Porém, a produção de tratores depende de diversas outras fábricas, pois precisa de pneus ou partes elétricas e estes produtos são feitos por fábricas de outros ministérios. Atualmente, a coordenação e conexão, os contratos para fornecimento de equipamentos são feitos através de uma rede mi-

nisterial e não diretamente entre as fábricas interessadas. O problema está, agora, em discussão. A idéia é conceder ao diretor da fábrica o poder de fazer contato direto com outras indústrias — e até mesmo com empresas estrangeiras — que não precisarão da aprovação de nenhum dos ministérios envolvidos para fechar o negócio.

Esta seria uma mudança bastante importante.

Sim, mas está apenas em discussão, já que exigiria modificações no sistema de preços. Segundo o atual sistema, cada um dos bens de consumo da indústria tem um preço e muitos fornecedores não são flexíveis a ponto de mudá-los ou reduzi-los. Quando a barganha é feita através de um ministério, os ministros podem discutir e dizer: "Podemos vender para outras fábricas a preços mais altos". No entanto, se uma mercadoria está disponível para todos, sem a intervenção ministerial, teremos um tipo de mercado interno e tudo seria mais barato do que barato. A idéia de Gorbachev é reduzir os custos de produção através de nova tecnologia. Porém, todos os cálculos indicam que, se existir relação de mercado com a indústria, então os preços vão subir. Portanto, ao invés de poder comprar dois tratores, as fazendas coletivas poderão comprar apenas um. Conseqüentemente, iriam querer comprar um de melhor qualidade ou não iriam querer comprar nada, pois tudo seria muito caro. Tudo isto refletiria em preços mais altos para os produtores agrícolas. Assim, o sistema de preços — até agora bastante artificial, sem ligação com os custos de produção ou outros fatores, com muitas coisas sendo subsidiadas — deverá ser modificado. A idéia é boa, mas sua realização será tremendamente difícil, pois acarretará inflação.

No que diz respeito à campanha anticorrupção, ela não tem sido levada a efeito com a mesma dinâmica dos tempos de Andropov, que estava preocupado em aumentar seu poder pessoal como secretário-geral. Como ex-chefe da KGB, ele estava em melhor posição para liderar a campanha anticorrupção. Agora, esta campanha está sendo feita em marcha lenta. Não é dirigida contra altos funcionários, nem contra secretários do

Obkom, a não ser alguns que tiveram que ser removidos. Seu perfil, hoje, é bem menor.

O Congresso

Passando, finalmente, ao 27.º Congresso do Partido, como o senhor o resumiria?

A imprensa soviética apresentou-o como marco de uma mudança na história da União Soviética. Mas esta visão está errada. O Congresso não foi, de modo algum, uma reminiscência do 20.º ou do 22.º Congresso. Na verdade, pareceu-se mais com o 23.º Congresso, de 1966, após a substituição de Khrushchev. Não houve discussão da história ou da cultura. Não houve discussão de problemas sociais, de problemas da juventude, meio ambiente ou saúde. Não existiu nenhuma nova linha ideológica positiva para estimular os membros do Partido, nem discussões novas sobre assuntos externos ou o movimento comunista internacional. Em outras palavras, não foi propriamente um congresso político de um Partido Comunista.

Praticamente, o foco exclusivo deteve-se nos problemas da administração econômica. Mesmo agora, comparando-o com o 23.º Congresso, percebemos que a reforma de Kossygin, discutida então, era mais radical do que a agenda econômica deste Congresso.

Além disso, o evento foi coordenado no estilo típico de Brezhnev. Como aconteceu logo após a queda de Khrushchev, as discussões anteriores ao Congresso foram usadas para espalhar queixas e críticas ao regime anterior. Mas o Congresso em si, porém, foi utilizado para acabar com tais manifestações. As críticas a Brezhnev não existiram — seu nome nunca era mencionado e, ao invés disso, eram constantemente repetidas as tendências desfavoráveis do final dos anos 70, dando a entender que os problemas surgiram no período da doença de Brezhnev. As críticas eram dirigidas à "burocracia não identificada" e muitas delas, apresentadas em parte como autocrítica. O discurso de Yeltsin foi um dos pontos brilhantes, mas serviu para sugerir que todos eram responsáveis pelas tendências negativas. O estilo de discussão foi o tradicional. Gorbachev apresentou o relatório político —

os palestrantes subsequentes simplesmente o elogiaram e ilustraram este ou aquele ponto de estudo com exemplos. Até mesmo altos membros do Politburo apresentaram, surpreendentemente, estúpidos discursos: Ligachev concentrou-se num ataque dogmático aos escritores; Chebrikov¹⁸ atacou severamente os marginais, alertando contra espões e videocassetes; até Gromyko¹⁹, que tem a reputação de ser um bom palestrista, foi insípido e quase que incompreensível. Para um Congresso concentrado na administração econômica, além disso, é notável o fato de que nem um único economista tivesse sido chamado para falar.

Tudo isso contrasta fortemente com o tom utilizado pela imprensa nas discussões anteriores ao Congresso, quando pesadas críticas haviam sido feitas quanto a questões envolvendo meio ambiente, ética do Partido e até mesmo privilégios do Partido. Este último assunto, inclusive, foi especialmente notável. No dia 13 de dezembro de 1985, o *Pravda* publicou um levantamento de cartas de leitores atacando os privilégios gozados por funcionários do Partido — na primeira vez em que um artigo destes havia aparecido na imprensa, o que, indubitavelmente, reflete as milhares de cartas que atacam este fenômeno cada vez maior. Evidentemente, a questão provocou ira e mágoa. Ainda assim, no Congresso, Ligachev criticou especialmente a imprensa, por divulgar tais críticas. Concluindo, o Congresso, sem dúvida, foi uma decepção para muitos intelectuais e reformadores. Nada disso significa que a nova liderança virou o rosto contra qualquer tipo de reforma. Eles sabem que precisam tentar adaptar o sistema para que ele funcione melhor. Eles sabem que existe uma necessidade urgente de produzir resultados. Mas ainda não sabem até que ponto devem ir. Acima de tudo, eles estão muito preocupados em manter o controle sobre quaisquer mudanças que venham a realizar.

Zhores Medvedev. Biólogo, diretor do National Institute for Medical Research em Londres. Britânico naturalizado, nasceu em Thilisi, URSS. Autor de várias obras, destacando-se: *Biossíntese da proteína e problemas de hereditariedade, desenvolvimento e idade*, 1963; *Khrushchev, dez anos no poder*, 1976, juntamente com seu irmão, Roy Medvedev; *A ciência soviética*, 1978; *O acidente nuclear dos Urais*, 1979; *Andropov*, 1983; *Agricultura soviética*, 1986; e *Gorbachev*, 1986.

18 Victor Chebrikov, chefe da KGB.

19 Andrei Gromyko, nomeado por Gorbachev como presidente da República, cargo considerado apenas cerimonial.